

ARTIGO
**DOSSIÊ EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E DIVERSIDADES: ASPECTOS DA
LINGUAGEM**

VOZ PASSIVA EM LIBRAS?

(Passive voice in Libras?)

(¿Voz pasiva en Libras?)

João Paulo Vitório Miranda¹
(Universidade de Brasília)

Dionei Moreira Gomes²
(Universidade de Brasília)

Recebido em: setembro de 2021
Aceito em: dezembro de 2021
DOI: 10.26512/les.v22i2.40806

¹ Possui licenciatura em Letras Libras pela UFSC (2010). Mestre em Linguística pela UnB (2014). Atualmente, é Doutorando do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília (UnB). É professor da Universidade de Brasília, no Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Atua na linha de pesquisa de *Gramática: teoria e análise*, na pesquisa sobre Libras. *E-mail*: jpvm3@yahoo.com.br

² Professor Associado 4 do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisa línguas indígenas, português do Brasil e língua brasileira de sinais (Libras). Atua também na formação inicial e continuada de professores. Concluiu mestrado e doutorado em Linguística na UnB, tendo sido, durante este último período de formação, pesquisador visitante nos seguintes centros de pesquisa franceses: Centre d'Études de Langues Indigènes d'Amérique (CELIA/Paris) e Laboratoire Dynamique du Langage (DDL/Lyon). *E-mail*: dionei98@unb.br

RESUMO

*Nossa pergunta principal era: Estruturalmente, existe voz passiva em Libras? Ou ainda: Como os surdos topicalizam um paciente e diminuem o valor do agente? Haveria, nos dados observados, mudança nas funções sintáticas dos argumentos, em que o paciente assumiria a função de sujeito? Nosso referencial teórico foi o funcional-tipológico, que considera a língua como meio de comunicação e interação social. Nosso percurso metodológico teve a colaboração de surdos proficientes em Libras. Como resultados, constatamos que **não** há uma forma morfossintática específica de voz passiva em Libras, mas há formas possíveis de topicalizar o paciente a partir de construções (pro)tipicamente transitivas.*

Palavras-chave: Voz passiva. Libras. Topicalização.

ABSTRACT

Our main question was: Structurally, is there a passive voice in Libras? Or: How do deaf people topicalize a patient and diminish the agent's value? Would there be, in the data observed, a change in the syntactic functions of the arguments, in which the patient would assume the function of subject? Our theoretical framework was the functional-typological one, which considers language as a means of communication and social interaction. Our methodological path had the collaboration of deaf people proficient in Libras. As a result, we found that there is no specific morphosyntactic form of passive voice in Libras, but there are possible ways to topicalize the patient from (pro)typically transitive constructions.

Keywords: Passive voice. Libras. Topicalization.

RESUMEN

Nuestra pregunta principal fue: Estructuralmente, ¿hay una voz pasiva en Libras? O: ¿Cómo los sordos topicalizan a un paciente y disminuyen el valor del agente? ¿Habría, en los datos observados, un cambio en las funciones sintácticas de los argumentos, en los que el paciente asumiría la función de sujeto? Nuestro marco teórico fue el funcional-tipológico, que considera la lengua como medio de comunicación e interacción social. Nuestro camino metodológico contó con la colaboración de personas sordas con dominio de Libras. Como resultado, encontramos que no existe una forma morfosintáctica específica de voz pasiva en Libras, pero hay formas posibles de topicalizar al paciente a partir de construcciones (pro)tipicamente transitivas.

Palabras claves: Voz passiva. Libras. Topicalización.

INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais – Libras³ – tem estrutura gramatical, como qualquer outra língua. Ela é a língua materna da comunidade de surdos do Brasil.⁴ Apesar dos estudos pioneiros de Lucinda Ferreira Brito desde a década de 1980 e de outros pesquisadores sobre essa língua, entre eles linguistas surdos, há muito ainda a ser feito sobre ela, especialmente no tocante à compreensão de sua gramática.

O interesse pelo tema deste texto – a voz passiva – é comum aos seus dois autores. Em particular, Miranda pontua:

No período da escola, me recorde de sentir uma necessidade em encontrar algo que definisse a voz passiva [em português] de modo claro e objetivo. Durante muitos anos de escolarização, ao perguntar ao professor o que era voz passiva, ouvia

³ Não usaremos o termo LSB ‘língua de sinais brasileiro’. Além de não ser a denominação oficial da língua, não encontra respaldo na comunidade surda, como afirma Quadros (2019, p. 26): “LSB é uma sigla para ‘língua de sinais brasileira’, usada algumas vezes em publicações. No entanto, há um movimento por parte da FENEIS [Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos] e de algumas outras organizações para fixar definitivamente o nome dado à língua de sinais brasileira: Libras, em vez de LSB”.

⁴ Não será tema deste texto as controvérsias envolvendo oralismo, implante coclear e congêneres. O foco é o estudo científico da Libras.

respostas como: “Vou mostrar um exemplo: João quebrou o copo / O copo foi quebrado por João. Na segunda sentença, temos uma passiva”.

(MIRANDA, 2014, p. 53)

Afora o fato de um exemplo descontextualizado não ser suficiente nem adequado para explicar o que é voz passiva, ainda havia o agravante de ser o tema exclusivamente tratado com base na língua portuguesa, que não é a língua materna desse autor. Mesmo na sua graduação em Letras Libras, Miranda continuou a ter dúvidas sobre o que seria a passiva:

No curso da graduação, Letras Libras, durante as aulas de gramática, lá estava a voz passiva novamente, sempre “atrelada” à ativa e, mais uma vez, sem definição. Identificar enunciados, transformar sentenças ativas em passivas era tarefa fácil (ou melhor, mecanicamente fácil), mas responder em qual contexto a construção passiva em detrimento da construção ativa é preterida é outra história. Então quando usar a voz passiva? Pergunta que durante muitos anos eu não soube responder. Durante uma aula na pós-graduação, explicações sobre agente/paciente, enunciados prototípicos, escala de agentividade e, mais uma vez, lá estava a voz passiva. Diferentemente do Ensino Fundamental e Médio, compreender que essas construções geralmente não são proferidas apenas me fez perceber que é evidente a distância entre essa construção verbal e o dia-a-dia linguístico.

(MIRANDA, 2014, p. 53)

Como defendemos em Miranda (2014), a voz passiva é uma estratégia morfológica e sintática para fins semântico-pragmáticos e discursivos. Via de regra, ocorre: i) o aumento da topicalidade de um paciente, que se realiza na posição sintática de sujeito; e ii) diminuição da importância do agente, que se realiza, sintaticamente, como adjunto, na periferia da frase, ou até mesmo é apagado dela.

Este texto apresenta os resultados de uma pesquisa cujo objetivo foi verificar se a voz passiva estaria presente também em Libras.⁵ Nossa pergunta principal era: Existe, estruturalmente, voz passiva em Libras? Ou ainda: Como os falantes de Libras topicalizam um paciente e diminuem o valor do agente? Haveria ainda, nos dados observados, mudança nas funções sintáticas dos argumentos, em que o paciente assumiria a função de sujeito?

Em Miranda (2014, p. 4-5), partimos das seguintes situações em português:

1. O que houve com a caneta do João?
- 2a. A caneta do João, a Maria quebrou.
- 2b. A caneta do João foi quebrada pela Maria.
- 2c. A Maria quebrou a caneta do João.

Em 2a e 2b, temos topicalização, mas com diferentes níveis representados pelas diferentes estruturas. Em 2a, temos apenas a inversão da ordem e a mudança de prosódia; "caneta" continua sendo objeto direto. Mas em 2b, "caneta" passou a ser o sujeito do enunciado; outra importante diferença é que o agente de 2b pode ser eliminado; isso mostra que é o paciente em 2b estruturalmente mais significativo e, obviamente, é também pragmaticamente o mais importante.

⁵ Este texto faz uma reanálise dos principais resultados da pesquisa iniciada no âmbito do mestrado em Linguística na Universidade de Brasília (cf. Miranda 2014).

Nosso objetivo maior foi buscar descobrir como isso acontece em Libras. Para tanto, nosso referencial teórico é o funcional-tipológico, que considera que a língua tem como função principal a comunicação e a interação social. Este estudo nos fez perceber a infinidade de fenômenos linguísticos ainda tão pouco (ou nunca) analisados em relação à Libras.

Nosso percurso metodológico acabou por nos mostrar que mesmo surdos altamente escolarizados têm dificuldade em compreender a passiva do português, o que abre um espaço novo e necessário para futuras pesquisas sobre a temática.

Como resultados, constatamos que **não** há uma forma morfossintática específica de voz passiva em Libras, mas há formas possíveis de topicalizar o paciente a partir de construções (pro)tipicamente transitivas.

Assim, este texto está dividido da seguinte forma: na seção 1, apresentamos o recorte teórico com foco na voz passiva. Na seção 2, trazemos o percurso metodológico para a geração dos dados. Na seção 3, apresentamos os resultados, seguidos das considerações finais e referências bibliográficas.

1. RECORTE TEÓRICO: ENTRE PASSIVAS E TOPICALIZAÇÃO

Nesta seção, apresentaremos as principais noções teóricas sobre voz passiva⁶, com base em premissas do funcionalismo linguístico, o qual “[...] valoriza competências comunicativas, preocupando-se não somente em codificar e decodificar expressões, mas também em entender essas expressões de maneira interacionalmente satisfatória. (NEVES, 1997)” (MIRANDA, 2014, p. 43).

Nosso trabalho com a voz passiva se fundamenta em princípios funcionalistas e tipológicos, principalmente em Shibatani (1985), Payne (1997), Whaley (1997), Givón (2001a-b), Cunha (2011), Oliveira (2004), Gomes (2006), entre outros.

Há uma divergência clássica nos estudos sobre voz passiva. De um lado, existem os que defendem que a sua principal função é demover o agente da função de tópico/sujeito. O argumento não agente, no caso o paciente/objeto direto, passa ocupar essa função como mera consequência disso (GIVÓN 2001a-b; SHIBATANI, 1985). De outro lado, há os que defendem que a promoção do paciente a sujeito é a principal função da voz passiva. Nessa linha de pensamento, Shibatani (1985, p. 822, tradução nossa) cita a perspectiva de Perlmutter & Postal (1977, revisado em 1983), autores que

⁶ Em Miranda (2014), fizemos uma revisão do que a literatura sobre Libras havia produzido até então sobre sua morfossintaxe e sintaxe. Sugerimos a leitura desse trabalho. Mas, à medida em que algum tema for relevante para este texto, vamos abordá-lo.

[...] argumentam que uma caracterização universal da passiva pode ser melhor descrita não em termos de ordem de palavras, caso, ou morfologia, mas em termos de mudança nas relações gramaticais. [...] Passiva poderia ser caracterizada em termos de uma rede relacional na qual um nominal que é objeto direto em um estrato transitivo passaria a carregar a função de sujeito no estrato imediatamente seguinte. Passiva é um fenômeno de ‘promoção’[...].

Como contraponto a essa generalização, Shibatani (1985) evoca as críticas feitas por Comrie (1977), que salienta que passivas impessoais não têm promoção de objeto direto, embora ocorra demissão de sujeito.

Não pretendemos, neste texto, avançar nesse embate, que pode ser facilmente recuperado na vasta literatura sobre voz passiva. Mas nos posicionamos parcialmente com Shibatani (1985, p. 822)⁷ quando este critica abordagens formais como a da Gramática Relacional de Perlmutter & Postal (1977), que restringem o debate a um caráter meramente sintático de promoção ou de demissão de um dado argumento, quando, na verdade, uma compreensão mais pragmática precisa também ser levada em conta na análise e compreensão da voz passiva.

Logo, assim como Givón (2001b, p.91), situamos a passiva no âmbito dos estudos sobre construções detransitivizadoras (*de-transitive voice*) com escopo primariamente pragmático. Esse prisma é relevante para nossa pesquisa, uma vez que envolve a *topicalidade relativa* do agente e do paciente. Citando outros pesquisadores, Givón (2001b) apresenta, da seguinte forma, essa topicalidade nas chamadas construções pragmáticas de voz (*pragmatic voice constructions*):

(3) Topicalidade relativa do agente e do paciente nas quatro principais construções de voz pragmática

Voz	Topicalidade relativa
Ativa-direta	Agt > Pac
Inversa	Agt < Pac
Passiva	Agt << Pac
Antipassiva	Agt >> Pac

(GIVÓN, 2001b, p. 93, tradução nossa)

De acordo com Givón (2001b), a forma ativa-direta seria pragmaticamente definida como a construção de voz na qual tanto o agente quanto o paciente seriam tópicos, mas o agente é mais tópico que o paciente. Por seu turno, a passiva seria a construção em que “o agente é extremamente não-tópico (‘suprimido’, ‘demovido’), e então o paciente é o argumento tópico sobrevivente na oração” (GIVÓN, 2001b, p. 94, tradução nossa).

Como bem pontua o autor logo em seguida, essas definições representam os protótipos atestados, os quais recebem, translinguisticamente, tratamentos sintáticos distintos em sua

⁷ Embora não estejamos fazendo uma citação direta, optamos por indicar o número da página para auxiliar os leitores interessados em recuperar, mais facilmente, o argumento apresentando. Essa estratégia se repete ao longo do texto.

codificação. E é justamente isso que buscaremos verificar em Libras: Como essa língua codifica a relação de topicalidade que diminui a importância do agente e aumenta a importância do paciente?

Essa correlação entre passividade e topicalidade se encontra desenvolvida em Givón (2001a), que afirma que, em termos pragmático-discursivos, uma construção passiva sem agente (exemplo (37c) a seguir) seria aquela em que o agente seria bem menos tópico frente a construções ativas neutras (exemplo (37a) a seguir) ou mesmo passivas com agente exposto (37b):

(37)

- a. Ativa-neutra: A mulher abateu o veado
- b. Passiva com agente: O veado foi abatido pela mulher
- c. Passiva sem agente: O veado foi abatido (ontem)
menos agente tópico

(GIVÓN, 2001a, p. 35, tradução nossa)

É justamente esse debate sobre a função pragmático-discursiva de topicalidade que nos interessa neste texto. Como veremos, embora não se possa afirmar que exista uma construção passiva em Libras em termos morfosintáticos, a expressão de um paciente como tópico foi identificada em nossos dados.

A seguir, tratamos do percurso metodológico adotado na pesquisa.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

A geração dos dados foi feita por meio de eliciações, apesar de termos também pesquisado, sem sucesso, vídeos que circulam na *internet* em *sites* de relacionamento e no *youtube*. Nos vídeos, não identificamos formas passivas e não vamos abordá-los aqui. Para as eliciações, contamos com a participação de cinco colaboradores surdos, homens e mulheres, dos quais três nasceram em Brasília. O requisito principal era ser falante fluente de Libras como língua de comunicação diária principal. Todos sabiam ler em Português. Obtivemos o consentimento desses colaboradores mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (MIRANDA 2014, p. 80).⁸

A gravação dos colaboradores se deu em vídeo. Elaboramos dez roteiros com quatro orações cada um, para as quais pedimos a tradução em Libras.

Cada roteiro continha 4 orações em Português. A primeira oração estava na ordem SVO e na voz ativa, a segunda oração trazia o objeto da primeira topicalizado, a terceira oração era a correspondente na voz passiva da primeira, e a última oração

⁸ Como registramos em Miranda (2014, p. 39): “O Comitê de Ética em Pesquisa foi procurado [...], mas não conseguiu, até o momento, emitir parecer sobre esta pesquisa. Um erro gerado na página da Plataforma Brasil, local em que os projetos são detalhados antes da submissão, via internet, não registrou a instituição proponente – Universidade de Brasília – e a ausência desse registro implicava a não impressão da versão completa da página de rosto, necessária para submissão. Foram vários os contatos, via email, atendimento online, além de claro, a tentativa de inúmeras visitas ao Comitê de Ética do Instituto Humanas da UnB, sem sucesso, em virtude de reforma na sala, mudança de endereço e, por fim, greve dos servidores responsáveis pelo setor”.

era a terceira sem o agente da passiva expresso. Abaixo, apresentamos um deles a título de ilustração:

ROTEIRO 1

- A) O homem beijou a foto.
- B) A foto, o homem beijou.
- C) A foto foi beijada pelo homem.
- D) A foto foi beijada.

(MIRANDA, 2014, p. 38)

Foram usadas três filmadoras: uma com foco no pesquisador, outra no entrevistado e a terceira com foco nos dois. Após assinar o TCLE, cada roteiro era mostrado ao colaborador. Cada seção durava, em média, 30 minutos e ocorria com um colaborador por vez. Algumas sentenças não eram bem compreendidas, e isso será comentado na próxima seção. Nós não interferíamos e não falávamos em Libras ou em Português o que estava escrito no roteiro.

Após a gravação dos vídeos, o material foi analisado no Elan, editado no programa Adobe Premiere Elements 9 e, posteriormente, as imagens selecionadas foram repassadas para o programa Coreldraw, com o objetivo de formatar as imagens e colocá-las no Word. Registramos que esse é um trabalho bastante exaustivo. (MIRANDA, 2014, p. 39)

O ELAN (EUDICO – Anotador Linguístico) permite analisar detalhada e sistematicamente vídeos. Usamos a versão 4.6.1, a mais atualizada à época (2014), encontrada no *site* <http://www.lat-mpi.eu/tools/elan/> e a instalamos no computador. Os vídeos foram salvos como documentos *.mpg ou *.mov. Dentre outras vantagens, os vídeos podem ser ampliados na tela a fim de facilitar a visualização detalhada e podem ser rodados em diferentes velocidades com quadros localizados em várias opções.

Leite (2008, p. 141 *apud* PÊGO, 2013, p. 61) elenca alguns fatores para justificar o uso do ELAN, a saber: i) a compatibilidade com PCs; ii) a sua distribuição gratuita na *internet*; iii) a sua crescente utilização em pesquisas com diversas línguas no mundo; iv) o fato de ter sido projetado para viabilizar uma transcrição mais eficiente das línguas de sinais; v) as atualizações contínuas e a abertura dos desenvolvedores do programa a sugestões e dúvidas dos usuários; e vi) funcionalidades específicas tal como a sincronização do vídeo com as transcrições, um complexo sistema de buscas, e a capacidade de operar com até quatro câmeras simultaneamente.

Essa ferramenta nos permitiu analisar quadro a quadro. E, por ter um recurso capaz de diminuir a velocidade, nos permitiu observar os mínimos detalhes dos sinais. A seguir, apresentamos os resultados principais de nossa pesquisa.

3. ESTRUTURA PASSIVA EM LIBRAS OU TOPICALIZAÇÃO?

Como dissemos na seção 2, elaboramos dez roteiros com quatro enunciados cada. Aqui, apresentaremos os dados gerados em Libras para o seguinte roteiro:

- (a) *O homem beijou a foto.*
- (b) *A foto, o homem beijou.*
- (c) *A foto foi beijada pelo homem.*
- (d) *A foto foi beijada.*

O enunciado (a) está na voz ativa em ordem direta (SVO). O enunciado (b) também está na voz ativa, mas o objeto direto foi deslocado para a posição inicial, posição de tópico. Os enunciados (c) e (d) estão em voz passiva, sendo que (d) não traz o agente expresso. Em relação a cada um deles, vamos analisar como cada colaborador se manifestou em Libras. Para preservar, mesmo que parcialmente, a identidade do colaborador, usaremos os números de 1 a 5 para identificá-los.

3.1 Enunciado (a) O homem beijou a foto

Vejamos como o colaborador 1 sinalizou em Libras esse enunciado ativo do Português:

(1)



FOTO-ROSTO



MÃO-FOTO



BEIJAR-MÃO-FOTO

“O homem beijou a foto”.

(MIRANDA, 2014, p. 56)

Nosso colaborador optou por apresentar a FOTO, repetindo-a duas vezes, para depois beijar a foto, ocupando ele mesmo o lugar do item lexical HOMEM, que não foi sinalizado, o que a literatura chama de espaço mental sub-rogado (LIDDEL, 1995). No primeiro quadrante, o colaborador introduz o tópico FOTO, como se dissesse “Existe uma foto”, em uma predicação não verbal. Uma vez que o colaborador personifica HOMEM no segundo quadrante, podemos entender que o sujeito de BEIJAR se encontra expresso em conjunto com o sinal FOTO. Essa simultaneidade entre sujeito e objeto nos parece um tema relevante para ser explorado em pesquisas futuras. Ela provavelmente foi suscitada pela opção que o sinalizante fez de expressar o agente (HOMEM) por meio dele mesmo. “A foto, ela (a foto) a pessoa beijou.”

Já o colaborador 2 optou por produzir o seguinte enunciado em Libras para o enunciado *O homem beijou a foto*:

(2)



HOMEM



FOTO-MAQUINA



HOMEM



BEIJAR-RETRATO

“O homem, a foto, o homem beijou a foto.”

(MIRANDA, 2014, p. 57)

Esse colaborador introduziu o agente (HOMEM) na posição inicial da sentença, depois apresentou o paciente (FOTO). Em seguida, sinalizou novamente HOMEM seguido de BEIJAR-FOTO. Os dois primeiros quadrantes sugerem que o colaborador 2 está apresentando os referentes: Existe um homem, existe uma foto. Daí, ele sinaliza nos 3º e 4º quadrantes: HOMEM BEIJAR RETRATO. À primeira vista, poder-se-ia dizer que houve uma ordem sujeito-objeto, mas não há evidências suficientes para atribuir a HOMEM e FOTO nos dois primeiros quadrantes uma função sintática. Eles parecem constituir também um predicado não verbal cada um, como afirmamos na análise do colaborador 1.

Se levarmos em conta o que se narra nos 3º e 4º quadrantes, a ordem dos constituintes seria algo como Sujeito (HOMEM) – Verbo (BEIJAR)- Objeto (FOTO), SVO, portanto. Não podemos ainda afirmar que haja uma composição entre verbo e objeto aí, apesar de ser uma hipótese possível, uma vez que parecem assumir articulação simultânea (CRATO & CÁRNIO (2010)). A melhor tradução para o conjunto do enunciado nos parece ser: “Havia um homem. Havia uma foto. Daí esse homem beijou essa foto”.

Os colaboradores 3 e 4 traduziram o enunciado *O homem beijou a foto* de forma bastante semelhante:

(3)



HOMEM



BEIJO



MAQUINA-FOTO

“O homem beijou a foto.”

(MIRANDA, 2014, p. 57)

(4)



“O homem beijou a foto.”

(MIRANDA, 2014, p. 57)

Em (3) e (4), a ordem de constituintes é SVO, mas não parece haver composição verbo-objeto como em (2), uma vez que, no quadrante 2, é sinalizado BEIJAR e, no quadrante 3, se sinaliza FOTO. Logo, são sinais mais independentes entre si que no enunciado (2). O exame da constituência entre os sinais é mais um tema em aberto nos estudos sobre Libras.

Uma diferença de nível lexical foi observada: em (3), se usa o sinal BEIJAR.ROSTO; em (4), se usa BEIJANDO-SE.DUAS.PESSOAS.ENTRE.SI. Essa variação é um registro também interessante para a diversidade de opções que a Libras, como qualquer outra língua, tem para expressar uma dada ação.

Agora passemos para nossa colaboradora 5:

(5)



“O homem beijou (no rosto) a foto, a foto beijou (no rosto).”

(MIRANDA, 2014, p. 58)

Ela sinaliza HOMEM seguido de BEIJAR e depois FOTO, na ordem SVO, portanto. Mas repete FOTO e BEIJAR, na ordem (S)OV. Há, aparentemente, dois enunciados, que veiculam a mesma informação, como se o segundo reforçasse a informação dada no primeiro, mas com ordem distinta entre o objeto e o verbo. A ordem de constituintes em Libras é um assunto que também ainda merece mais estudos.

Passemos à análise do segundo enunciado, que traz uma topicalização de objeto.

3.2 Enunciado (b) A foto, o homem beijou

Nosso propósito era investigar se, em Libras, também haveria inversão da ordem do objeto, com fins de topicalização. Vejamos os resultados.

(6)



“A foto, o homem olhando para ela, o homem beijou”.

(MIRANDA, 2014, p. 58)

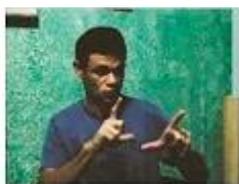
O colaborador 1 inicia o enunciado 6 com o sinal FOTO, seguido do sinal VER+SORRIR+FOTO. Neste momento, o referente HOMEM é o próprio colaborador que corporifica esse sinal (espaço sub-rogado). A ordem seria algo como O(S)V ou OV(S). Novamente, há simultaneidade entre sujeito e verbo, o que deixa dúvida sobre a ordem entre esses constituintes. Mas, claramente, o objeto ocorre em posição inicial, típica de tópico em Libras (QUADROS & KARNOPP, 2004). O terceiro quadrante traz o sinal HOMEM, que é, então, explicitado, seguido de BEIJAR e do sinal FOTO. Nesse momento, teríamos a ordem SVO, típica ordem em Libras (FELIPE (1989), BRITO (1995), QUADROS (1999), QUADROS & KARNOPP (2004)). A mudança de ordem ocorrida na primeira parte do enunciado é atribuída ao processo de topicalização em Libras, mas costuma-se também defender que ocorreria a elevação das sobrancelhas, uma marcação não manual (QUADROS & KARNOPP, 2004; FELIPE, 1998). Porém, não ocorreu isso no exemplo (6). Como veremos a seguir, também não se deu essa elevação das sobrancelhas com os colaboradores 4 e 5.

Sobre a função sintática atribuível a FOTO no início do enunciado 6, não há razões para defender que ela passou a ser sujeito. O constituinte que controla o verbo VER+SORRIR e o verbo BEIJAR é HOMEM, ao qual se faz referência duas vezes: 1) homem sub-rogado olhando a foto (quadrante 2); 2) sinal de HOMEM no quadrante 3. Na primeira ocorrência do referente “homem”, ele se encontra corporificado no sinalizante, por isso o chamamos de sub-rogado em referência ao espaço mental sub-rogado (LIDDELL, 1995). Essa marcação repetitiva de “homem” pode estar indicando que ele continua sendo o sujeito de cada verbo (VER e BEIJAR), com o objeto na posição inicial para expressar apenas tópico. Passemos ao colaborador 2, que assim expressou, em Libras, o enunciado *A foto, o homem beijou*:

(7)



FOTO-MÁQUINA



RETRATO



HOMEM



BEIJAR

“A foto, o retrato, o homem beijou [a foto]”.

(MIRANDA, 2014, p. 59)

O colaborador 2 também começa o enunciado com FOTO+RETRATO. Daí, apresenta HOMEM e sua ação BEIJAR. Dadas as propriedades semânticas de cada um desses participantes, a ação só pode ter sido executada por HOMEM. Também não há indícios de modificação morfológica no verbo ou de alteração morfossintaxe em HOMEM (agente), que pudessem evidenciar uma construção passiva. Entendemos, novamente, que o objeto (paciente) foi topicalizado, sendo a ordem aqui OSV e não SVO. Um dado que nos chamou a atenção é a necessidade de evidenciar referência à foto da sentença. A repetição desse objeto deslocado pode ser atribuída ao processo de topicalização, como defendemos em Miranda (2014). Assim, haveria o deslocamento do objeto para a primeira posição do enunciado e sua repetição anafórica no espaço. Não identificamos o levantar de sobrancelhas como forma de expressar topicalização. Lançamos também a hipótese de que a primeira ocorrência de foto seja uma apresentação desse referente, em uma espécie de predicado não verbal existencial: (existe) uma foto.

Vejamos como sinalizou o colaborador 3:

(8)



FOTO-MAQUINA



BEIJAR-ROSTO



HOMEM

“A foto, beijou o homem.”

(MIRANDA, 2014, p. 60)

Como em 7, o exemplo 8 traz o objeto FOTO no início do enunciado, mas foi seguido de BEIJAR, e o sujeito desse verbo (HOMEM) só aparece no final. Portanto, a ordem aí é OVS, diferente da ordem em 7 e da ordem canônica SVO. Esses exemplos nos possibilitam refletir sobre a flexibilidade da ordem de constituintes em Libras, especialmente em contexto de topicalização de objeto com traço semântico inanimado.

A seguir, apresentamos a maneira como os colaboradores 4 e 5 sinalizaram *A foto, o homem beijou*:

(9)



FOTO-MÁQUINA



HOMEM



BEIJAR - 2 MÃOS

“A foto, o homem beijou.”

(MIRANDA, 2014, p. 60)

(10)



FOTO-RETRATO



HOMEM



BEIJAR-ROSTO

“A foto, o homem beijou.”

(MIRANDA, 2014, p. 61)

Os colaboradores 4 e 5 usaram a mesma estratégia sintática: colocaram o objeto na posição inicial da sentença, seguido do sujeito e do verbo: OSV.

A topicalização do objeto em todos os cinco enunciados desta seção foi feita de maneira muito similar, com o deslocamento dele para a posição inicial. Mas não houve nem uso de elevação de sobranças, nem se pode dizer que ocorreu voz passiva se comparados os exemplos de 6-10 relativos ao enunciado (b) desta seção com os relativos ao enunciado (a) da seção anterior (exemplos de 1 a 5). Já havíamos defendido algo semelhante em Miranda (2014, p. 61):

Ao menos, não nos ficou evidente que haja uma mudança nas funções sintáticas dos argumentos, em que o paciente teria assumido a função de sujeito. Também não parece haver qualquer indício de que o verbo em Libras tenha assumido uma forma morfológica específica, como é o caso do particípio passado da passiva do Português.

Os próximos dois enunciados em Português são exemplos de voz passiva. Vejamos o que os dados nos permitem dizer sobre o tema em Libras.

3.3 Enunciado (c) A foto foi beijada pelo homem

O enunciado (c) traz uma voz passiva típica do português: paciente na função de sujeito, controlando a morfologia do verbo; verbo auxiliar “ser” concordando em número e pessoa com sujeito, seguido do verbo principal na forma participial, concordando em gênero e número com o

sujeito; e agente expresso em sintagma prepositional ao final da sentença: *A foto foi beijada pelo homem*. Vejamos como os colaboradores expressaram, em Libras, esse enunciado:

(11)



“A foto, eu não sei, difícil. Beijou o retrato?”

(MIRANDA, 2014, p. 62)

O exemplo 11 mostra que o colaborador 1 tentou sinalizar algo próximo à passiva do português, mas não conseguiu. Ele sinalizou FOTO e, imediatamente, sinalizou NÃO.SEI e DIFÍCIL. Então, sinalizou BEIJAR (quadrante 4) e terminou por dizer outra vez NÃO.SEI. Ao que parece, ele não entendeu a sentença em português. A seguir, mostramos como o colaborador 2 lidou com essa construção passiva do Português:

(12)



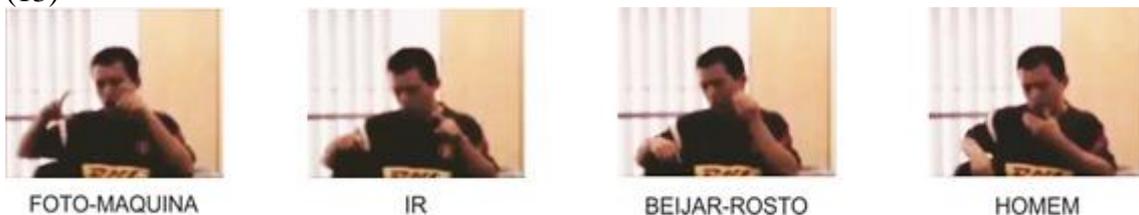
“A foto do retrato, o homem beijou.”

(MIRANDA, 2014, p. 62)

Esse colaborador, ao contrário do primeiro, compreendeu a passiva em Português, mas produziu em Libras uma inversão de ordem: uma topicalização exatamente como ele mesmo havia feito no exemplo 7 para *A foto, o homem beijou*.

Já o colaborador 3, assim como o colaborador 1, não compreendeu a passiva do Português e produziu o seguinte enunciado:

(13)



“A foto foi beijou o homem”.

(MIRANDA, 2014, p. 63)

Em 13, após o sinal FOTO, esse colaborador faz o sinal do verbo IR equivalente a “foi” do Português, demonstrando que estava traduzindo palavra por palavra do Português. Ele mesmo reconheceu que a sentença em Libras produzida por ele não fazia sentido algum. Por isso, entendemos ser ela agramatical. Como afirmamos em Miranda (2014), há claramente dificuldade dos surdos com a voz passiva do Português. Essa foi também uma importante constatação de nossa pesquisa.

O colaborador 4 também demonstrou não ter entendido a frase em Português e produziu a seguinte sentença em Libras:

(14)



FOTO-MÁQUINA



BEIJAR - 2 MÃOS



HOMEM

“A foto beijou o homem”

(MIRANDA, 2014, p. 63)

No exemplo 14, o colaborador 4 construiu uma sentença em que a FOTO seria o sujeito de BEIJAR, mas não há aí operação de mudança de voz, pois o verbo não é alterado, e HOMEM (o agente) não é posto em uma função periférica como ocorre em construções passivas. Ele é objeto direto. O próprio colaborador reconheceu que a frase construída por ele não fazia sentido, pois, nas palavras dele, “Como uma foto beijaria um homem? A frase está certa? Acho que as palavras HOMEM e FOTO estão trocadas”. Novamente, não houve compreensão da voz passiva. Passemos à colaboradora 5, que após pensar bastante, produziu o seguinte enunciado:

(15)



FOTO



F-O-I



BEIJAR-ROSTO



PARA



HOMEM

“A foto F-O-I beijar o rosto para o homem”

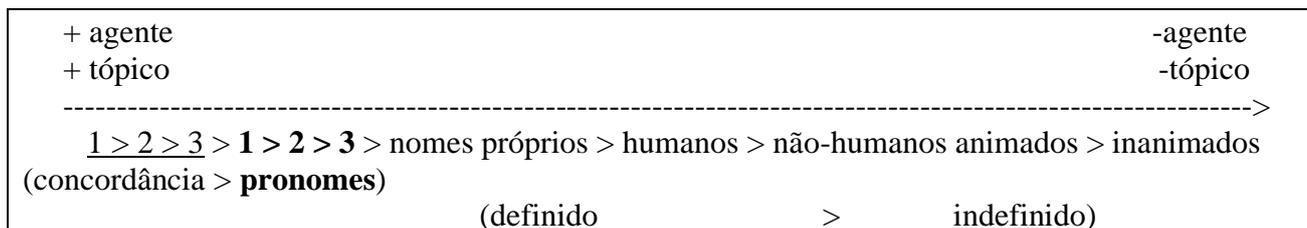
(MIRANDA, 2014, p. 65)

Constatamos, em 15, o uso do sinal FOTO na primeira posição como na passiva em Português, mas seguido do verbo “foi” digitado em Libras: F-O-I. Após ele, aparece o verbo BEIJAR sem alteração morfológica alguma se o compararmos com a forma usada nos exemplos de 1 a 10 (todos de tipo ativo). Por fim, o sinal HOMEM é inserido no final da sentença, após o sinal PARA. Como o colaborador 3, a colaboradora 5 também fez uma tradução literal da sentença do Português

para Libras, usando digitação para expressar a forma “foi” e incluindo, ademais, algo equivalente à preposição “para” do português para tentar traduzir, literalmente, “pelo” em Libras. Essa sentença em 15 é mais agramatical ainda que as outras duas já identificadas até aqui, pois o uso da digitação é, nesse caso, um recurso para representar a forma literal do Português, sem conhecimento do seu significado. O uso do equivalente à preposição “para” é extremamente incomum em Libras. De fato, ao pedirmos a ela que nos explicasse o que havia sinalizado, ela também reconheceu que não entendeu a construção passiva do Português e ainda afirmou que “[...] uma foto não pode beijar um homem” (MIRANDA, 2014, p. 65).

Aventamos a hipótese de que a relação entre os participantes na voz passiva do Português não foi compreendida por quatro dos nossos cinco colaboradores, provavelmente por quebrar a expectativa de alinhamento entre sintaxe, semântica e pragmática. Como a linguística tem atestado, a relação gramatical de **sujeito** é tipicamente preenchida por um **agente** de natureza pragmática **tópico**. A esse respeito, observemos a hierarquia de agentividade/topicalidade:

Figura 1 – Hierarquia de agentividade/topicalidade



Fonte: PAYNE, 1997, p. 150, tradução nossa.

A construção passiva em Português usada em nossos dados trazia o paciente (“a foto”, referente inanimado) em função atípica de sujeito e tópico, quando se espera encontrar aí um agente, no caso “o homem”, por ser humano e definido. O agente da construção passiva se encontrava na posição final, típica de pacientes em Português e em Libras.

Como já foi bastante atestado, a passiva não é a construção preferida e mais corriqueira de nossas interações naturais (GIVÓN 2001a, 2001b). Sua arquitetura demonstra isso quando se comparam línguas de diferentes lugares e famílias linguísticas. Essa arquitetura complexa é visível em Português: paciente em função sintática de sujeito, verbo auxiliar mais verbo principal com morfologia específica (particípio) e agente em função periférica, funcionando como núcleo de um sintagma preposicional, não sendo nem mesmo sintaticamente obrigatório na sentença. De fato, a grande maioria de nossos colaboradores não demonstrou entender isso.

A seguir, apresentamos os resultados do enunciado d), também uma passiva, mas sem expressão de agente. Vejamos o que se produziu em Libras a esse respeito.

3.4 Enunciado (d) A foto foi beijada

A seguir, o colaborador 1 tentou verter para Libras essa passiva sem agente do Português:

(16)



“A foto, ao observarmos cada uma das pessoas, alguém beijou uma por uma, com um beijo, isso beijou naquela imagem.”

(MIRANDA, 2014, p. 65-66)

O exemplo 16 traz FOTO em posição inicial, como tópico. O colaborador teceu os seguintes comentários sobre esse tópico: alguém viu (essa foto) e beijou cada pessoa da foto. Há certa compreensão do enunciado em Português, mas não há formulação de uma construção passiva em Libras. O recurso usado para colocar o paciente FOTO em evidência foi a mudança de ordem em relação aos verbos VER e BEIJAR, topicalizando-o à esquerda. Para garantir gramaticalidade e compreensão do que se estava sinalizando em Libras, esse colaborador introduziu um agente sem referência clara, algo semelhante a ALGUÉM. Isso pode ser constatado no verbo VER (2º quadrante), que traz esse alguém personificado no próprio colaborador 1 (espaço mental sub-rogado). O mesmo dizemos para o verbo BEIJAR, que é repetido três vezes.

A seguir, o que sinalizou colaborador 2:

(17)



“A foto o homem já beijou.”

(MIRANDA, 2014, p. 66)

Esse colaborador produziu, em 17, um enunciado muito parecido com os enunciados 7 e 12 também produzidos por ele. A FOTO é topicalizada novamente, seguida do agente HOMEM e a sentença é encerrada pelo verbo BEIJAR. O sinal JÁ no terceiro quadrante é a principal diferença para os outros dois exemplos (7 e 12). Claramente, percebemos que o colaborador apenas topicalizou o paciente e ainda inseriu outra vez o agente, mesmo que o enunciado (d) não o tenha citado (*a foto foi beijada*). E, por fim, aparece o verbo beijar composto com o objeto. Não se pode afirmar que haja aí em Libras uma construção passiva. Talvez, o uso do sinal JÁ foi a forma de o colaborador dizer que aquela ação ou cena já tinha se passado antes, uma vez que era o quarto enunciado com a mesma temática, embora cada um estivesse trazendo uma perspectiva diferente das relações de topicalidade entre agente e paciente.

Já os três colaboradores seguintes, ao tentar traduzir para Libras o enunciado *A foto foi beijada*, produziram sentenças agramaticais, demonstrando, mais uma vez, que não compreenderam a construção passiva do Português. Vejamos:

(18)



FOTO-MAQUINA



IR



BEIJAR-ROSTO

“A foto ir beijou no rosto.”

(MIRANDA, 2014, p. 67)

No exemplo 18, o colaborador 3 repetiu o que fez no exemplo 13, eliminando apenas o sinal HOMEM (o agente). Novamente, fez uma tradução literal, usando o verbo IR em Libras para expressar a forma “foi” do Português. BEIJAR não foi convertido em um sinal novo equivalente/análogo à forma participial do Português “beijado”. Não se formulou uma construção passiva, nem mesmo uma construção gramatical em Libras.

Os colaboradores 4 e 5 novamente fizeram construções agramaticais em Libras e afirmaram que não compreenderam a sentença *A foto foi beijada*. A seguir, as respectivas sentenças:

(19)



FOTO-MÁQUINA



BEIJAR- 2 MÃOS

“A foto beijar (duas pessoas).”

(MIRANDA, 2014, p. 68)

(20)



FOTO-RETRATO



BEIJAR-ROSTO

“A foto beijo no rosto.”

(MIRANDA, 2014, p. 67)

A sentença 19 deve ser comparada com a sentença 14. Disso resulta que a diferença entre elas é ausência de **HOMEM** em 19. Já a sentença 20 deve ser comparada com 15. Além da ausência de **HOMEM** em 20, também há ausência de **F-O-I** e **PARA**.

Em síntese, as sentenças de 11 a 20 não podem ser enquadradas como formas passivas em Libras. Além de boa parte delas ser agramatical (11, 13, 14, 15, 18, 19, 20), as sentenças gramaticais em Libras correspondentes às construções passivas em Português não são, de fato, construções passivas. O que se encontra em 12, 16 e 17 são construções com objeto topicalizado, mesma estratégia usada nos exemplos 6, 7, 8, 9 e 10 para expressar, em Libras, a topicalização do objeto por mudança de ordem (*A foto, o homem beijou*).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa não permite afirmar que existe voz passiva em Libras. No máximo, ocorre topicalização do objeto (paciente), mas sem alterações morfossintáticas de voz ou valência. Mesmo assim, chegamos a resultados muito interessantes. Um deles é o fato de Libras apresentar estratégias para topicalizar o paciente: a mudança de ordem. Essa estratégia tem um objetivo muito próximo ao que ocorre na voz passiva que é, nas palavras de Oliveira (2004, p. 52), “[...] dar ênfase ao paciente. Ocorre uma topicalização do paciente”.

A topicalização do objeto (paciente) ficou bastante evidente nos dados analisados ao longo do texto. Essa topicalização se deu por meio da colocação desse participante em posição inicial de sentença. Identificamos a mudança da ordem típica de SVO para: OSV (exemplos 7, 9 e 10) e OVS (exemplo 8). Essa aparente flexibilidade na ordem em contexto de topicalização é um tema para outras pesquisas, assim como a necessidade de identificação de constituintes na língua, que guarda com ele uma relação necessária.

Mais uma vez, destacamos que não identificamos a elevação das sobrancelhas nesses casos de topicalização, contrariando o que a literatura registra sobre o assunto.

Por outro lado, um traço linguístico presente em nossos dados de topicalização foi a repetição anafórica do objeto no espaço (exemplo 7), algo que também pode ser explorado em pesquisas futuras.

Também se identificou topicalização do objeto (paciente) especificamente nos dados em que se buscava voz passiva em Libras. Essa foi a estratégia usada nos exemplos 12, 16 e 17 para nos atermos apenas aos enunciados gramaticais em Libras. E o que houve nos enunciados 11, 13, 14, 15, 18, 19 e 20 relativos à construção passiva do português com ou sem agente expresso? Encontramos, nesses dados, sentenças agramaticais, produzidas de maneira a tentar traduzir para Libras a voz passiva do Português. Quase todos os colaboradores, em mais de uma ocasião, reconheceram que essas sentenças são inexistentes em Libras, não fazem sentido.

Assim, dos cinco colaboradores, apenas um compreendeu a construção passiva do Português, mesmo sendo todos eles escolarizados: três graduados em Letras Libras, um em Design e um mestre e doutorando em Linguística. Como afirmamos em Miranda (2014, p. 65): “Isso pode estar revelando uma falha grave na formação de surdos pelas escolas brasileiras, que não ensinam realmente a leitura para eles”. Esse ponto merece muita atenção, uma vez que revela que o ensino de Português por escrito aos surdos não está sendo feito de modo adequado.

Das quatro perspectivas representadas em (a) *O homem beijou a foto*, (b) *A foto, o homem beijou*, (c) *A foto foi beijada pelo homem* e (d) *A foto foi beijada*, os colaboradores reduziram a duas possibilidades de expressão relativa de topicalidade de agente e paciente. Provavelmente porque Libras não tem construção passiva, mas apenas mudança de ordem como forma prototípica para expressar maior topicalidade do paciente.

Por fim, destacamos alguns outros resultados que podem suscitar novas pesquisas. Em relação ao enunciado (a) *O homem beijou a foto*, encontramos, no exemplo 1, o que pode ser a simultaneidade entre sujeito e objeto. Daí, uma pergunta importante seria: como identificar a ordem entre os constituintes nesse tipo de contexto? Próximo a isso está o debate sobre a possível simultaneidade entre verbo e objeto ou composição entre eles (cf. exemplo 2).

Também o exemplo 2 suscitou uma hipótese durante nossa análise, retomada aqui: o uso de predicados existenciais não verbais na introdução dos referentes que compõem uma dada cena discursiva. A predicação não verbal não parece ser assunto muito explorado em Libras.

O item lexical BEIJAR foi um elemento à parte, uma vez que foi apresentado de maneira diversificada. Essa variação lexical também merece estudo, uma vez que guarda também relação com os chamados espaços mentais.

A pesquisa sobre topicalização em Libras ainda tem muito a revelar, mas a voz passiva propriamente dita não parece existir nessa língua.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 abr. 2002. n. 79, ano CXXXIX, Seção 1, p. 23.
- BRITO, L. F. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- CRATO, A. N.; CÁRNIO, M. S. Marcação de tempo por surdos sinalizadores brasileiros. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*. 22(3):163-168, 2010.
- COMRIE, B. In defense of spontaneous demotion: The impersonal passive. In: COLE, P.; SADOCK, J. *Grammatical relations*. (Syntax and semantics, 8). New York: Academic Press, 1977.
- CUNHA, M. A. F. da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.) *Manual de Linguística*. Ed. Contexto. São Paulo, 2011.
- FELIPE, T. A estrutura frasal na LSCB. In: *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*. Recife, 1989.
- FELIPE, T. *A relação sintático-semântica dos verbos na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)*. 159f. Tese (Doutorado em Linguística) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.
- GIVÓN, T. *Syntax: An introduction*. Vol. I. Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 2001a.
- GIVÓN, T. *Syntax: An introduction*. Vol. II. Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 2001b.
- GOMES, D. M. *Estudo morfológico e sintático da língua Mundurukú (Tupí)*. 320 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- LEITE, T. de A. *A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. Tese de doutorado. USP, São Paulo, 2008.
- LIDDELL, S. K. Real, surrogate, and token space: grammatical consequences in ASL. In: EMMOREY, K.; REILLY, J. (Eds.). *Language, gesture and space*. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.
- MIRANDA, J. P. V. *Voz passiva em libras? Ou outras estratégias de topicalização?* xi, 80 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — UnB, Brasília, 2014.
- NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- OLIVEIRA, M. F. de. A voz passiva no período arcaico do português e inícios do moderno. In: COSTA, S. B.; MACHADO FILHO, A.V.L. (orgs.). *Do português arcaico ao português brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2004. p.163-174.

PAYNE, T. E. *Describing morphosyntax – a guide for field linguists*. New York: Cambridge University Press, 1997.

PÊGO, C. F. *Sinais não-manuais Gramaticais da LSB nos traços morfológicos lexicais. Um estudo do morfema-boca*. 88f. Dissertação. (Mestrado em Linguística). UnB, Brasília, 2013.

PERLMUTTER, D.; POSTAL, P. Toward a universal characterization of passivization. *BLS* 3.394-417, 1977. [Revised version in Perlmutter 1983, 3-29.]

QUADROS, R. M. de. *Libras*. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M. de. *Phrase Structure of Brazilian Sign Language*. 279f. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras e Artes, PUC, RS, Porto Alegre, 1999.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SHIBATANI, M. Passives and related constructions: A prototype analysis. *Language*, 61.4, 1985.

SOUZA, G. L. *Concordância, caso e ergatividade em Língua de Sinais Brasileira: Uma proposta Minimalista*. Dissertação (Mestrado em Letras). 163f. Faculdade de Letras. UFMG, 2014.

STUMPF, M. *Aprendizagem de escrita de Língua de Sinais pelo sistema Sign Writing: Língua de Sinais no papel e no computador*. Tese. UFRGS, Porto Alegre, 2005.

WHALEY, L. J. *Introduction to typology: The unity and diversity of language*. Londres: Sage Publications, 1997.